

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO PRESTADO AO SURDO USUÁRIO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

PSYCHOLOGICAL CARE PROVIDED TO DEAF USERS OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Artigo acadêmico elaborado sob supervisão de:
Ms. Débora Alessandra de Souza
Ms. Luciana Raybolt

Acadêmicas de Psicologia:
Jéssica Dos Santos Oliveira
Marcella Benedicto Oliveira

RESUMO

O atendimento psicológico prestado ao surdo usuário da Língua Brasileira de Sinais é um assunto que vem ganhando espaço de forma gradativa ao longo dos anos. O surdo, ao procurar por atendimento, enfrenta muitos impasses devido a barreiras comunicacionais, o que dificulta ainda mais que suas necessidades em saúde sejam satisfatoriamente atendidas. Assim como as demais pessoas, o surdo também possui demandas psicológicas e um atendimento realizado por profissionais habilitados, ou seja, que dominem a língua de sinais, viabiliza uma melhor comunicação e efetividade no atendimento prestado. Partindo desse pressuposto, objetivou-se no presente estudo analisar o atendimento psicológico prestado ao surdo usuário da língua brasileira de sinais. Com objetivos específicos de identificar as principais dificuldades encontradas na procura por atendimento e refletir acerca da presença de uma terceira pessoa no setting terapêutico. Para tal discussão realizou-se uma revisão de literatura de artigos científicos, livros, monografias e dissertação de mestrado publicados em dados periódicos como Google acadêmico, com data de publicação entre os anos de 2010 e 2022. Os resultados indicaram que o uso da Libras é uma ferramenta importante de comunicação no atendimento à pessoa surda.

Palavras-chave: Atendimento psicológico. Comunicação. Língua brasileira de sinais. Surdez.

ABSTRACT

Psychological care provided to deaf users of the Brazilian Sign Language is a subject that has been gradually gaining ground over the years. The deaf person when looking for care faces many impasses due to communication barriers, which makes it even more difficult for their health needs to be satisfactorily met. Like other people, the deaf also has psychological demands and care provided by qualified professionals, that is, who master sign language, enables better communication and effectiveness in the care provided. Based on this assumption, the present study aimed to analyze the psychological care provided to the deaf. With specific objectives to identify the main difficulties encountered in seeking care; and to reflect on the presence of a third person in the therapeutic setting. For this discussion, a literature review of scientific articles, books, monographs and master's dissertations published in periodicals such as Google academic was carried out, with publication date between the years 2010 and 2022. The results indicated that the use of Libras is a tool communication in the care of the deaf person.

Keywords: Psychological support. Communication. Brazilian sign language. Deaf.

INTROUÇÃO

Há muitos anos debates referentes à concepção de surdez estão presentes na sociedade, cujo qual são caracterizados por discussões teóricas sobre as possibilidades comunicacionais, sucedidas por formas específicas de se perceber a surdez (Lopes & Leite, 2011). De acordo com Chaveiro et al. (2014) nas últimas décadas, o conceito de surdez passou por transformações históricas e culturais. O surdo passa a não ser mais considerado “deficiente” mas sim “diferente”. A surdez então, passa a não ser mais compreendida como uma deficiência a ser curada, eliminada ou normalizada, e sim como uma diferença a ser respeitada.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) revelam que há no Brasil aproximadamente 9.717.318 deficientes auditivos, dos quais 2.143.173 possuem surdez severa. De acordo com a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS, 2012) a surdez é definida como uma dificuldade ou impossibilidade de identificar qualquer tipo de som. Já para Mazzu-nascimento et al. (2020) a surdez está entre as principais questões de diferença que acometem a população. Muitas vezes, os surdos são tratados como deficientes auditivos, contudo, há diferença entre ambos.

Segundo (Bisol & Sperb, 2010) Ser Surdo com “S” maiúsculo, é reconhecer – se por meio de uma identidade compartilhada por pessoas que utilizam a língua de sinais e não vêem a si mesmas como sendo marcadas por uma perda, mas como membros de uma minoria linguística e cultural com normas, atitudes e valores distintos e uma constituição física distinta. Mottez (2017) aponta que pertencer a uma minoria linguística significa ter uma língua para si mesmo e não compreendida pela maioria.

De acordo com Mazzu-nascimento et al. (2020) no Brasil, pessoas com surdez são em sua maioria aquelas falantes da língua brasileira de sinais – Libras, enquanto os deficientes auditivos são aqueles que adotam a língua portuguesa oral e fazem uso de recursos, como aparelhos de amplificação sonora individual, implante cocleares ou próteses. Segundo (Quadros & Karnopp, 2007) “as línguas de sinais são de modalidade gesto-visual, onde a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”.

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, foi reconhecida oficialmente como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas a partir do dia 24

de abril de 2002, através da Lei Federal nº 10.436 (Brasil, 2002). De acordo com Chaveiro et al. (2010) as línguas de sinais, embora presentes em todos os continentes, não têm uma estrutura universal pois apresentam estrutura gramatical diferenciada, ou seja, cada país apresenta sua respectiva língua de sinais.

No que se refere ao atendimento psicológico a pessoa surda (Chaveiro et al., 2010) aponta que é um desafio não somente para o próprio surdo, mais para os profissionais de saúde também. Segundo (Oliveira et al., 2012) esse fato chama a atenção para a necessidade do desenvolvimento de estratégias que assegurem a comunicação do surdo com a sociedade como um todo, em especial com os profissionais de saúde.

De acordo com Silva e Carmo (2016) os surdos que procuram por atendimento, encontram inúmeras barreiras na busca por atenção psicológica e isso se dá principalmente pela dificuldade de comunicação em sua língua. (Mazzunascimento et al., 2020) define a comunicação como um meio pelo qual os profissionais da área da saúde podem criar vínculos, identificar as necessidades de saúde e construir planos terapêuticos para os pacientes.

Segundo (Souza, 2013) embora tenha havido um crescente desenvolvimento em relação à inclusão dos surdos, iniciados primeiramente por manifestações acatadas pelo estado, ainda há uma 'falta' referente ao acompanhamento psicológico desses sujeitos. Logo, o psicólogo que pretende atender essa população, tem como dever assegurar o seu acesso como forma de remover barreiras (Ferreira Junior et al., 2021).

A partir da relevância da língua brasileira de sinais na vida do surdo, e a expressiva lacuna de barreiras comunicacionais entre o profissional de Psicologia e o sujeito surdo, questiona-se, a utilização da Libras é um instrumento imprescindível para que se tenha um atendimento acessível e de qualidade? Diante disso, o presente estudo teve como objetivo geral analisar o atendimento psicológico prestado ao surdo usuário da língua brasileira de sinais, sob o qual apresenta-se de grande relevância para área da psicologia, fomentando discussões e reflexões acerca do atendimento em saúde mental dessa população.

REFERENCIAL TEÓRICO

O surdo e as concepções de surdez

De acordo com o decreto n °5.626/05 at.2° considera-se pessoa surda, aquela que por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (Brasil, 2005). Para Bisol e Valentini (2011) os surdos são aqueles que utilizam a língua de sinais, valorizam sua arte, sua história e aqueles que propõem uma pedagogia própria para a educação das crianças surdas.

Destaca sobre a diversidade surda classificando-as em quatro categorias: surdos oralizados (aqueles que desenvolvem habilidades em língua oral e participantes da comunidade ouvinte) surdos bilíngues (surdos habilitados em Libras e português oral e/ou escrito) surdos sinalizantes (que utilizam a língua de sinais como sua principal forma de comunicação) e os surdos implantados. Segundo Nascimento e Lima (2015) surdos implantados são aqueles que passam por procedimento cirúrgico, quando não beneficiados com as próteses auditivas convencionais, com a finalidade de desenvolver a linguagem oral (Romano & Serpa, 2021).

De acordo com Nunes et al. (2015) a surdez é uma alteração no sistema auditivo e/ou na vias auditivas que reduz ou impede o acesso aos estímulos sonoros, essas alterações dependerá da localização da perda (ouvido médio, interno etc) do momento da perda (antes ou depois da aquisição da fala) e da intensidade da perda (leve, moderada, severa e profunda). Segundo Alves (2012) o sistema auditivo é responsável pela identificação e reconhecimento dos diferentes sons do nosso ambiente, e é por ele que as informações são coletadas nos auxiliando no desenvolvimento da linguagem e na comunicação oral.

Para Duarte et al. (2013) as concepções de surdez e de pessoa surda passaram por várias modificações, desde o modelo biomédico que considera o surdo doente, até o modelo socioantropológico, que o considera detentor de cultura e língua própria. Segundo (Santos, 2015) a surdez é um campo de muitos domínios

e com distintas particularidades, particularidades estas que se apresentam de acordo com três perspectivas: a perspectiva clínica, a educacional e a cultural.

Segundo Vianna et al. (2022) a surdez do ponto de vista clínico-terapêutico está associada ao discurso do modelo biomédico que centra-se no déficit, e que encaixa a pessoa surda na categoria de pessoa com deficiência. De acordo com (Ferreira Junior et al., 2021) ao observar o fenômeno da surdez, o modelo médico é estritamente ligado ao fator biológico, centrado na cura do problema auditivo e na correção dos defeitos da fala pela aprendizagem da língua oral.

Segundo Santos (2015) no Brasil, a educação de pessoas com surdez teve início oficialmente em 1857 com a fundação do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos pelo professor francês Ernest Huet. De acordo com Pereira e Lourenço (2017) foi por meio da vinda do professor, que o Brasil começou a sistematizar a educação para os surdos.

De acordo com Alves (2012) ao longo da história, a educação do surdo e tudo que envolve sua aprendizagem no âmbito escolar, ficou em segundo plano, pois a surdez era vista como uma doença, sendo os estudos pautados na cura e não na busca por métodos educacionais. Segundo Duarte et al. (2013) ao longo do tempo, muitos educadores não reconheceram a língua de sinais e atuavam numa abordagem oralista, valorizando somente a língua oral no ensino não admitindo o uso de sinais por considerarem prejudiciais para o desenvolvimento, e incapazes de promover a educação dos surdos.

Nunes et al. (2015) aborda que a educação do surdo passou por diferentes pontos de vista ao longo da história. Do oralismo que buscava impedir qualquer gesto ou sinal à defesa da língua de sinais como língua natural do surdo. Segundo Vieira e Molina (2018) no Brasil, a partir do século 21, chega a linha de abordagem do bilinguismo como alternativa para educação dos surdos, reconhecendo a língua de sinais como primeira língua dos surdos, que segundo as autoras, é a modalidade que propõe o surdo se comunicar em duas línguas, a língua de sinais e a língua oficial de seu país.

De acordo com Vianna et al. (2022) o aspecto cultural da surdez está associado ao discurso da diferença e não da deficiência e é centrado no modelo socioantropológico, que é o modelo centrado na língua de sinais. Este modelo atribui a formação da identidade do surdo e o uso da língua de sinais, sendo este o que constitui o sujeito surdo e o que lhe permite compartilhar suas vivências, crenças,

arte, etc. Sob a perspectiva socioantropológica, o surdo firma sua cultura e língua como forma de existência e resistência à cultura dominante que é a ouvinte (Romano & Serpa, 2021).

Língua brasileira de sinais

Segundo Witches (2021) desde a antiguidade, as línguas de sinais usadas pelos surdos aparecem em registros históricos. E não se sabe exatamente como ou onde surgiram (Almeida, 2013). De acordo com Silva e Carmo (2016) as línguas de sinais são o principal meio de comunicação entre os surdos, bem como entre os sujeitos surdos e os ouvintes. De acordo com a Lei de Libras, essa língua é entendida como:

Parágrafo único. Entende-se como Língua brasileira de sinais -Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas no Brasil (Brasil, 2002).

Segundo Alves e Frassetto (2015) mediante a concepção dessa lei, o uso da Libras passou a ser um direito dos surdos. Para (Silva & Silva, 2016) a língua de sinais é em todas as esferas (sociolinguística, educacional, cultural etc.) fundamental para o desenvolvimento da pessoa surda. De acordo com Araújo e Braga (2019) as línguas de sinais são distintas da língua oral portuguesa pois possuem estruturas diferentes, as autoras também apontam que a Libras tem sua influência da língua de sinais francesa, e cada língua de sinais surgiu a partir de uma outra língua de sinais.

De acordo com Witkoski e Baibich-Faria (2010) apesar dos estudos linguísticos afirmar a excelência da língua de sinais, ainda vigora muitos mitos e preconceitos acerca dessa língua, tais preconceitos partem do princípio de considerar a língua de sinais como uma mistura de pantomima, sendo esta incapaz de expressar conceitos abstratos. O estudo de Araújo e Braga (2019) apontam que a língua de sinais não é mímica, pois ela possui em sua estrutura elementos linguísticos encontrados em qualquer outra língua oral, já a mímica não.

De acordo com (Almeida, 2013) ao longo da história e durante muitos anos, o termo surdo-mudo também foi muito utilizado para se referir as pessoas surdas, pois acreditava-se que o surdo era incapacitado de falar uma língua oral, quando na verdade muitos deles por não terem referencia auditiva acabavam não

desenvolvendo naturalmente a fala assim como as demais pessoas ouvintes (Castro Junior, 2011).

Aborda que a língua brasileira de sinais trata-se de uma língua de modalidade gestual-visual, utilizada como meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais percebidas pela visão, não tendo origem na língua portuguesa, pois a mesma é constituída pela oralidade.

Grassi et al. (2011) apontam que assim como as demais línguas, a Libras nasceu da necessidade de estabelecer a interação e comunicação entre as pessoas surdas e os ouvintes, que a língua de sinais é a língua materna dos surdos, enquanto a língua portuguesa é a segunda, sendo o aprendizado desta não opcional aos surdos, visto que eles vivem em uma sociedade majoritariamente ouvinte. De acordo com (Santos, 2015) as línguas de sinais detém um papel de suma importância para o entendimento cultural da surdez, pois esse entendimento representa uma particularidade de uma parcela de pessoas com surdez.

Atendimento psicológico ao surdo

Segundo Mattioni (2019) a atenção psicológica consiste em uma prática ou conjunto delas que tem como principal objetivo promover saúde às pessoas, onde a comunicação constitui um instrumento essencial para que este processo ocorra. Para Silva e Carmo (2016) a comunicação é um aspecto importante em diversas áreas profissionais, mas no caso do profissional de psicologia é imprescindível.

De acordo com Bernardo et al. (2021) é por meio da comunicação que se expõem o modo de pensar, e sentir, revelando a necessidade que a pessoa tem no momento, porém o número de profissionais que saibam Libras é bem reduzido. Oliveira et al. (2015) aponta que na maioria das vezes, a comunicação se dá por meio da linguagem verbal, ou pela escrita ou pelo uso de gestos e não pela Libras, e que essas ferramentas de comunicação não permitem uma escuta qualificada provocando angústia e ansiedade tanto nos profissionais quanto na pessoa surda.

Segundo Romano e Serpa (2021) pensar o acesso de pessoas surdas nos serviços de saúde, pressupõe considerar os variados modos de experienciar a surdez e como consequência produzir diferentes demandas de acessibilidade. Conforme Oliveira et al. (2015) considerando as barreiras comunicacionais entre os profissionais de saúde e o sujeito surdo, a presença de uma terceira pessoa que

saiba se comunicar em Libras durante os atendimentos torna-se uma prática comum.

De acordo com essas mesmas barreiras comunicacionais e os desafios encontrados pelos profissionais de saúde (Silva & Carmo, 2016) apontam que a figura do intérprete é acionada como forma de mediar a comunicação entre o surdo e o profissional ouvinte. (Cordeiro, 2021) define o profissional tradutor/intérprete como, aquele profissional cuja a atuação é auxiliar a comunicação de pessoas surdas e ouvintes ou entre surdos por meio da língua de sinais.

No estudo de (Oliveira et al., 2015) aborda que em alguns casos, a presença do intérprete no setting terapêutico é uma ótima solução para os problemas referentes a comunicação, porém não contribui em sua totalidade em relação à inclusão dos surdos. Para Pereira et al. (2021) a presença de uma terceira pessoa como a do profissional Intérprete ou de um familiar pode interferir no atendimento prestado.

MÉTODO

De acordo com (Gil, 2008) o método pode ser definido como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicas adotados para se atingir o conhecimento. Para a construção do presente estudo, foi realizado uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório que teve como objetivo geral analisar o atendimento psicológico prestado ao surdo usuário da língua brasileira de sinais. O estudo trata-se de uma revisão de literatura com data de publicação entre 2010 e 2022.

O tipo de abordagem escolhida foi a abordagem qualitativa que de acordo com (Stake, 2016) significa que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana, e é voltada para a exploração e para o entendimento do significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano (Creswell & Creswell, 2021).

Para a elaboração do estudo, pesquisou-se artigos em Língua Portuguesa publicados em dados periódicos como Google acadêmico por meio dos descritores – Atendimento psicológico; Comunicação; Língua brasileira de sinais; Surdo; Surdez. No estudo foram incluídos artigos científicos, livros, monografias e dissertação de mestrado disponíveis na integra e com acesso gratuito. Como critério de exclusão,

foram excluídos artigos com mais de doze anos de publicação e estudos publicados em outras línguas (inglês e espanhol).

Para a revisão foram realizados os seguintes passos: (1) levantamento dos dados bibliográficos por meio dos descritores; (2) verificação do ano de publicação dos textos; (3) leitura dos textos encontrados; (3) exclusão dos textos que não estavam de acordo com o tema em questão; (4) construção do presente estudo.

RESULTADOS

A presente pesquisa resultou em 12 artigos, e após os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 10 estudos de acordo com o tema.

Tabela 1: Apresentação resumida dos estudos encontrados na revisão.

Autores/data	Objetivo	Método	Principais Resultados
Santos et al. (2021)	Refletir sobre as práticas psicológicas clínicas no atendimento de pessoas surdas nas instituições de formação de psicólogos em Vitória da Conquista.	Entrevista semiestruturada	Os resultados indicaram que a formação do psicólogo apresenta um grande déficit especificamente ao que cerne a sua atuação com um sujeito surdo, propondo como intervenção mais discussões referentes ao tema, sendo fundamental uma reforma na grade curricular dos cursos de Psicologia a fim de buscar melhorias contínuas às demandas do público surdo.
Ferreira Junior et al. (2021)	Verificar se a psicologia tem se debruçado sobre a inclusão da pessoa surda, se há registros	Revisão sistemática de literatura com base em técnicas bibliométricas descritivas.	observou-se que o atendimento psicológico ao sujeito surdo cresceu muito ao longo do tempo, porém, é notável que ainda há uma lacuna que separa a psicologia das Libras sendo fundamental

	acadêmicos de atendimento em Libras e se a fluência do psicólogo é suficiente para realizá-lo.		preenchê-la, a fim de unir a prática psicológica e a cultura surda.
Gonzales (2018)	Conhecer o trabalho realizado por psicólogo no atendimento clínico a surdos.	Participantes: deficientes auditivos e surdos na faixa etária de 20 a 60 anos/ psicólogos que atuavam no atendimento clínico a adultos surdos e não surdos. Instrumento: aplicação de questionário e entrevistas.	A pesquisa evidenciou que há muitas dificuldades na comunicação dos surdos na sociedade. Apontou que a formação acadêmica ainda apresenta certo despreparo para o profissional que irá lidar com o público surdo, evidenciando emergências que cernem mais pesquisas referentes à temática a partir da visão do próprio surdo.
Aguiar & Cordeiro (2021)	Apontar os desafios para o psicólogo da área da saúde mental em efetivar a inclusão do surdo no atendimento psicológico.	Revisão de literatura.	O estudo apontou ser emergencial a reformulação quanto a formação do psicólogo, a fim de lidar com as demandas trazidas pelo indivíduo surdo, colocando em prática ainda o código de ética profissional.
Mattioni (2019)	Refletir sobre o atendimento psicológico a pessoa com surdez	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória.	O estudo demonstrou uma lacuna na comunicação entre os surdos e ouvintes. O estudo ainda evidenciou que poucos são os profissionais da psicologia que utilizam a Libras como instrumento facilitador nesse contexto de escassez na

			psicoterapia.
Silva & Carmo (2016)	conhecer os desafios relacionados à atenção psicológica à surdos que utilizam a língua brasileira de sinais como meio de comunicação.	Pesquisa qualitativa.	indicou que surdos que buscam por atenção psicológica, encontra barreiras em sua autonomia na sociedade e barreiras comunicacionais com o profissional ouvinte. Indicou também que a presença do intérprete trazem aspectos como insegurança, incômodo e desconfiança mesmo que esse exerça um papel de canal intermediador entre o surdo e o psicólogo.
Pereira et al. (2021)	compreender a relação entre a Psicologia e o atendimento clínico com surdos.	Pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa.	Os resultados evidenciaram a precariedade de profissionais que atende em libras, seja pela dificuldade em apresentar a língua de sinais, ou pela ausência de contato com a comunidade surda, que segundo as autoras é indispensável a prática clínica com esse público.
Riterbusche et al. (2021)	abordar os desafios encontrados no trabalho do psicólogo frente ao atendimento de pessoas surdos.	Revisão de literatura com abordagem qualitativa.	Evidenciou-se que a dificuldade do profissional em compreender a língua de sinais pode apresentar-se como empecilho no atendimento à pessoas surdas
Patrícia Rosa (2017)	compreender como ocorre a prática clínica com surdos. utilizando a	Entrevista semiestruturada realizadas com quatro psicólogos atuantes na prática clínica com surdos e que utilizavam	os resultados do estudo indicaram que discussões referente ao atendimento psicológico ao surdo são escassas durante a formação em

	libras como meio de comunicação	a língua brasileira de sinais – Libras.	psicologia, e que há pouco material produzido sobre o tema nessa área. Constatou que a psicoterapia com surdos requer o uso da Libras como meio de comunicação e que o psicólogo deve se aprofundar no entendimento da cultura surda, estabelecendo aproximação com sua comunidade, pois o processo psicoterapêutico com surdos é intercultural e que apesar de não ter diferença em sua estrutura com o atendimento de ouvintes é necessário fazer adaptações.
Débora Casali (2012)	conhecer o atendimento psicológico terapêutico oferecido ao surdo usuário da Língua Brasileira de Sinais no município de Itajaí-Sc.	<p>Pesquisa qualitativa de caráter exploratório.</p> <p>Participantes: Coordenadores da atenção básica e da saúde mental e psicólogos do município de Itajaí-SC que atendiam no SUS.</p> <p>Instrumento: entrevista semiestruturada.</p>	De acordo com as entrevistas realizadas, evidenciou-se que, três dos seis psicólogos entrevistados, consideraram a presença do Intérprete positiva pelo auxílio na questão da comunicação, porém a questão do vínculo foi relatada como uma dificuldade do atendimento. Ainda nesse estudo, em dois atendimentos utilizou-se a mediação realizada por parentes, o que implicou em algumas dificuldades quanto ao sigilo e a individualidade do paciente.

Conforme a leitura descrita acima evidenciou-se que discussões referentes ao atendimento em saúde mental do público surdo são escassas durante a graduação em psicologia, e que há poucas pesquisas relacionadas ao tema. Constatou-se que na psicoterapia com surdos é indispensável o uso da Libras, além disso indicou que a presença de uma terceira pessoa no setting terapêutico pode implicar em certas dificuldades como o sentimento de insegurança do surdo em expor-se frente ao um intérprete ou um familiar e também a questão da construção do vínculo terapêutico com o profissional de psicologia.

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar o atendimento psicológico prestado ao surdo usuário da língua brasileira de sinais – Libras e conforme os resultados evidenciados na revisão de literatura, percebeu-se que pesquisas que abordam o atendimento a pessoa surda são escassas dentro da saúde mental (Aguiar & Cordeiro, 2021). Para Silva e Carmo (2016) apesar do reconhecimento dos direitos e conquistas das pessoas surdas, é notável a ausência de informações e pesquisas relacionadas à atenção psicológica na área da surdez.

A pesquisa realizada por Ferreira Júnior et al. (2021) demonstrou que embora o fluxo de publicações relacionados ao atendimento psicológico por meio da Libras, venha crescendo desde 2018, ainda existe uma lacuna expressiva entre a psicologia e a Libras. De acordo com o estudo realizado por Santos et al. (2011) há uma carência na formação do profissional de Psicologia quanto a sua atuação clínica com a população surda.

Para Gonzales (2018) embora se tenha a disciplina de Libras no curso de ensino superior, sua modalidade ainda é (EAD) e optativa, o que evidencia que ainda não se tem dado a devida importância sobre o assunto, não levando em consideração a quantidade de pessoas surdas no Brasil. De acordo com Pereira et al. (2021) são várias as lutas enfrentadas pelos surdos, e diante delas entende-se a importância que a Libras tem em sua vida como um veículo apropriado para seu desenvolvimento psicossocial e linguístico.

Riterbusche et al. (2021) apontam que é essencial reconhecer a relevância da qualificação do psicólogo no atendimento da comunidade surda, pois o psicólogo deve capacitar-se para atender as demandas que possam surgir no âmbito clínico,

buscando uma formação teórica e metodológica que lhe permita compreender seu objeto de estudo como orienta o CFP (Mattioni, 2019).

Em seu estudo, Rosa (2017) ressalta sobre um dos maiores obstáculos na relação terapêutica com surdos que é questão da comunicação. Segundo Aguiar e Cordeiro (2021) a falta de acessibilidade no atendimento à pessoa surda se configura pelas dificuldades comunicacionais entre o profissional e o surdo, o que impede assim um atendimento qualificado e humanizado.

De acordar com o estudo realizado por Casali (2012) o uso da Libras pelo profissional de Psicologia é fundamental, pois faz com que o surdo se sinta aceito, valorizado, respeitado e a vontade no processo de psicoterapia. Conforme o estudo de Pereira et al. (2020) o contato direto com a pessoa surda trás a possibilidade de estabelecer vínculo com o paciente e quando este já está estabelecido, o paciente se sente confortável.

Para Casali (2012) na ausência de profissionais habilitados a presença do intérprete se faz necessária pois sem ela a comunicação fica inviável, porém pontua que a melhor estratégia seria o profissional se comunicar direto na língua do surdo evitando problemas com vínculo e dificuldades do paciente em se expor frente a uma terceira pessoa, além de inferir em implicações éticas que podem comprometer ou interferir no atendimento prestado (Silva & Carmo, 2016).

A partir da revisão de literatura, encontrou-se muitas dificuldades relacionadas a existência de poucos matérias científicos produzidos voltado sobre o atendimento em saúde mental da pessoa surda. Diante da escassez de estudos, consideramos importante que mais pesquisas relacionadas ao tema sejam efetuadas a fim de que se oferte um atendimento com qualidade, entendendo as especificidades que esse público demanda.

A Psicologia vem ganhando espaço no contexto sociopolítico na atualidade. Mas notou-se ainda limites teóricos que cernem seu vínculo e a comunidade surda, por exemplo. A população brasileira apresenta como boa parte, indivíduos surdos, ainda assim, há muitos estereótipos ligadas a ele, além das dificuldades encontradas na sociedade. Abrir espaços para estudo acerca dessa conexão em prol da possibilidade de mudanças nessa relação torna-se fundamental falar sobre, ver em publicidade, trazendo essa realidade para o cotidiano do sujeito seria uma boa ferramenta a fim de minimizar os estigmas carregados por esses indivíduos, e

consequentemente um atendimento psicológico que por si só já está ligado a muitos preconceitos, infelizmente. (FERREIRA JUNIOR, 2021)

Com todos os avanços da Psicologia, e sua grade curricular no geral, a formação desse psicólogo em ascensão ainda é “deficiente “. Hoje, o formando recém saído da universidade não encontra-se apto a lidar com as mais diferentes demandas, entre elas, a comunidade surda. O código de ética que tem como foco resguardar não somente os direitos do psicólogo mas também do paciente, se depara com uma “sinuca de bico”. O agregar e incluir muitas vezes deixa de fora esse público que já encontra muitas dificuldades no mundo, não conseguindo nem mesmo ser acolhido psicologicamente. Sabe-se que é impossível sair sabendo de tudo e todas as coisas da Graduação, mas deparar-se com essa lacuna imensa num tema tão importante e pouco falado é decepcionante. Libras não deveria ser uma optativa em nenhum curso, mas uma obrigação em todos eles. (AGUIAR E CORDEIRO)

A inclusão é um direito de todos os cidadãos. Infelizmente, a prática apresenta muitas dificuldades a tudo aquilo que é tido como diferente. Quando se é adulto essa dificuldade multiplica. Refletir acerca de práticas inclusivas desde a infância até a vida adulta não é fácil, entretanto, fundamental. Debates devem ser abertos a partir de um diálogo franco com o sujeito surdo, e o profissional de psicologia. O intuito é abrir espaços para que esse indivíduo se sinta acolhido e que suas diferenças sejam apenas diferenças. Que não limite, que a sociedade possa falar abertamente e gerar práticas que façam parte dos direitos dos cidadãos, sendo ainda um dever do estado. (GONZALES 2018).

A libras é um instrumento pouco utilizado pelo profissional de Psicologia, acreditamos que o fato da mesma ser uma disciplina opcional ajuda a estigmatizar ainda mais a comunidade surda. Como psicólogo, entende-se uma função social desestigmatizar rótulos acerca de uma determinada temática. Utilizar a língua que é tão natural a esse sujeito é um possibilitador de portas para que essa comunidade procure atendimento, afinal, todos nós possuímos uma demanda. Não ser “entendido” pode afastar ou isolar ainda mais esse sujeito que já se sente tão “fora da bolha”.

A formação acadêmica precisam ser redefinidos. A Psicologia é uma área ampla e que engloba as mais variadas vertentes. Entretanto, vem sendo pouco estimulada no que diz respeito a inclusão de surdos. Trabalhar a libras como

ferramenta de comunicação é um passo importante para abrir diálogo e discussões socialmente importantes. Adicionar a linha teórica é fundamental, incluir o outro é um primeiro passo numa mudança que precisa acontecer. O mundo é mutável, e a Psicologia precisa evoluir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo é o resultado de uma revisão de literatura e, de forma geral, os resultados demonstraram a necessidade de uma maior capacitação ao que refere-se ao profissional de saúde mental em Libras. A Psicologia como área de saúde inclusiva, dado o código de ética, ainda apresenta uma carência muito grande no que tange ao atendimento psicológico à pessoa surda. O cuidado e empatia são fundamentais nesse processo, entretanto, é quase que invalidada sem a capacitação correta e necessária à profissão.

Ao decorrer da pesquisa, identificou-se grandes dificuldades para encontrar estudos na área, essas dificuldades interferem não somente na vida do surdo na busca por ajuda psicológica, mas também, na prática do profissional de Psicologia frente ao déficit de estratégias adequadas e adaptadas para lidar com as especificidades que esse público demanda.

O atendimento prestado ao surdo infelizmente ainda não é igualitário e acessível, visto que os surdos utilizam a língua de sinais como seu principal meio de comunicação e poucos são os profissionais realmente interessados e habilitados para o atendê-los de forma acessível. Pensar na saúde mental do surdo, é pensar em promover saúde através da remoção de barreiras que possam impedir ou interferir significativamente na oferta do serviço. A presente pesquisa foi de grande relevância a nós, acadêmicas da área, percebendo a lacuna existente na temática, e mostrando que ainda há muito o que percorrer. Diante disso, concluímos que a Psicologia ainda não está suficientemente equiparada no sentido de formação e estudos científicos referentes ao atendimento em saúde mental da pessoa surda e suas especificidades. Essa profissão de saúde necessita, em caráter de urgência, modificar o panorama até o momento estabelecido e trazer para sua prática intervenções que favoreçam desenvolver a autenticidade, relaxamento, tranquilidade e confiança do indivíduo surdo dentro no setting terapêutico.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, K. G. M., & Cordeiro, E. C. R. (2021). Acessibilidade do surdo ao atendimento psicológico na saúde mental. *Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva*, 2, e11777-e11777.
- Almeida, W. G. (2013). Introdução à língua brasileira de sinais. *Letras Vernáculas*. <http://portalidea.com.br/cursos/1759e1ccb7d31282d8c60d083262898f.pdf>.
- Alves, E. G., & Frassetto, S. S. (2015). Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. *Aletheia*, 46, 211-221. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000100017.
- Araújo, H. D. L. M. R., & Braga, A. C. C. (2019). A história da língua brasileira de sinais. *Revista Educação & Ensino*, 3(2).
- Alves, E. R. (2012). Caracterizando a surdez: fundamentação para intervenções no espaço escolar. *Revista Lugares de Educação*, 75-92.
- Brasil, lei que dispõe sobre a Língua brasileira de sinais – Libras e da outras providências. Lei N°10.436. (2002). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm.
- Brasil, Decreto N°5.626. (2005) Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24/04/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19/12/2000. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm.
- Brasil, lei que dispõe sobre os planos de benefícios da previdência social e da outras providências. (1991). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm.
- Brasil, institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência. (2015). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.
- Bernardo, L. A., Tholl, A. D., Nitschke, R. G., Viegas, S. M. D. F., Schoeller, S. D., Bellaguarda, M. L. D. R., & Tafner, D. P. O. D. V. (2021). Potências e limites no cotidiano da formação acadêmica no cuidado à saúde da pessoa surda. *Escola Anna Nery*, 25. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0341>.
- Bisol, C., & Sperb, T. M. (2010). Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26, 07-13. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100002>.
- Biblioteca Virtual em Saúde Ms. (n.d.). *Surdez*. <https://bvsmms.saude.gov.br/surdez-3/>.
- Bisol, C. A., & Valentini, C. B. (2011). Surdez e deficiência auditiva-qual a diferença. Objeto de Aprendizagem Incluir-UCS/FAPERGS. http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_T_exto.pdf.

Chaveiro, N., Barbosa, M. A., Porto, C. C., Munari, D. B., Medeiros, M., & Duarte, S. B. R. (2010). Atendimento à pessoa surda que utiliza a língua de sinais, na perspectiva do profissional da saúde. *Cogitare Enfermagem*, 15(4).

Casali, D. (2012). O atendimento psicológico ao surdo usuário da libras no município de Itajaí-SC. <https://siaiap39.univali.br/repositorio/bitstream/repositorio/1244/1/Debora%20Casali2012.pdf>.

Chaveiro, N., Duarte, S. B. R., Freitas, A. R. D., Barbosa, M. A., Porto, C. C., & Fleck, M. P. D. A. (2014). Qualidade de vida dos surdos que se comunicam pela língua de sinais: revisão integrativa. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 18, 101-114. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0510>.

Castro Júnior, G. D. (2011). Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8859>.

Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2021). Projeto de pesquisa-: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. Penso Editora.

CORDEIRO, M. J. D. S. (2021). O tradutor Interpretete de Libras no Brasil uma revisão da literatura (Master's thesis). <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1347>.

Conselho Federal de Psicologia. Código de Ética profissional do psicólogo. (2005). <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf&ved=2ahUKEwjdmYrlsYT7AhUgvJUCHSKpB0YQFnoECAgQAQ&usg=AOvVaw1L27RK5VKNDLSBWjDmaB6T>.

Duarte, S. B. R., Chaveiro, N., Freitas, A. R. D., Barbosa, M. A., Porto, C. C., & Fleck, M. P. D. A. (2013). Aspectos históricos e socioculturais da população surda. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 20, 1713-1734. <https://doi.org/10.1590/S0104-597020130005000015>.

Ferreira Junior, J. L., Bezerra, H. J. S., & Alves, E. D. O. (2021). Atendimento psicológico à pessoa surda por meio da Libras no Brasil: Uma revisão de literatura. *Psicologia Clínica*, 33(3), 537-556. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n03A08>.

Grassi, D., Zanoni, G. G., & Valentin, S. M. L. (2011). Língua Brasileira de Sinais: aspectos linguísticos e culturais. *Trama*, 7(14), 57-68. <https://doi.org/10.48075/rt.v7i14.5786>.

Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Editora Atlas SA.

Gonzales, M. F. S., & Ribeiro, M. C. (2018). Atendimento psicológico a adultos surdos: desafios para a psicologia inclusiva. Iniciação Científica-Universidade Paulista, UNIP, São Paulo. <https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2018/1000000233.pdf>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4641>.

Lopes, M. A. D. C., & Leite, L. P. (2011). Concepções de surdez: a visão do surdo que se comunica em língua de sinais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 17, 305-320. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000200009>.

Mazzu-Nascimento, T., Melo, D. G., Evangelista, D. N., Silva, T. V., Afonso, M. G., Cabello, J., ... & Porto, C. C. (2020). Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos. *Audiology-Communication Research*, 25. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2020-2361>.

Mattioni, D. A. (2019). Reflexões sobre o atendimento à pessoa com surdez: desafio para a psicologia. <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/5682>.

Mottez, B. (2017). Os surdos como minoria linguística. *Revista Espaço*, 21-34.

Nascimento, L. C. R., & Lima, C. C. S. (2015). Libras e implante coclear: A contradição ou complementaridade? . *Reflexão e Ação*, 23(3), 142-172. <https://doi.org/10.17058/rea.v23i3.6109>.

Nunes, S. D. S., Saia, A. L., Silva, L. J., & Mimessi, S. D. A. (2015). Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues?. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19, 537-545. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150193892>.

Oliveira, Y. C. A. D., Costa, G. M. C., Coura, A. S., Cartaxo, R. D. O., & França, I. S. X. D. (2012). A língua brasileira de sinais na formação dos profissionais de enfermagem, fisioterapia e odontologia no estado da Paraíba, Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 16, 995-1008. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000047>.

Oliveira, Y. C. A. D., Celino, S. D. D. M., & Costa, G. M. C. (2015). Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 25, 307-320. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000100017>.

Pereira, V. A., Araújo, K. V., & de Almeida Silva, J. L. (2021). Psicoterapia para pessoas com surdez: um processo de inclusão. *Revista Científica Novas Configurações—Diálogos Plurais*, 1(3), 20-30.

Pereira, B. A. M., & Lourenço, L. M. (2017). Surdez e Psicologia Clínica: Contribuições da Literatura. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1118.pdf>.

Quadros, R. M. D., & Becker Karnopp, L. (2007). Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.

Romano, B., & Serpa Jr, O. D. D. (2021). Singularidades da comunicação no encontro de pessoas surdas e profissionais de saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 31. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310208>.

Rosa, P. D. (2017). No encontro intercultural, o encontro terapêutico: prática clínica com surdos. <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2003>.

Riterbusche, S. D., C., Maffini, G., & dos Santos Gonçalves, C. (2021). Equidade e saúde mental: desafios do trabalho do psicólogo com as pessoas surdas. *Research, Society and Development*, 10(4), e48410414208-e48410414208. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14208>.

Santos, G. A. D. (2015). Memória surda: discurso e identidade (Master's thesis). <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12461/DissertacaoGilmar361.pdf?sequence=1>.

Santos, E. Z. R. D., Viana, F. S., Silva, S. N. D., & Souza, B. L. D. S. D. (2021). A formação em psicologia e as práticas de atendimento à população surda. *Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional*, 8(9). <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/9609>.

Stake, R. E. (2016). *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Penso Editora.

Silva Silva, D., Á. M., & do Carmo, M. B. B. (2016). Desafios na atenção psicológica a surdos utilizadores da LSB em Salvador – BA. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 5(2). <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v5i2.1070>.

Silva, C. M. D., & Silva, D. N. H. (2016). Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola?. *Psicologia escolar e educacional*, 20, 33-44. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150201917>.

Souza, M. R. D. (2013). Narrativas dos intérpretes de língua brasileira de sinais que atuam no contexto do ensino fundamental. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123001>.

Vianna, N. G., Andrade, M. D. G. G., Lemos, F. C. S., & Rodriguez-Martín, D. (2022). A surdez na política de saúde brasileira: uma análise genealógica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 1567-1580. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022274.09142021>.

Vieira, C. R., & Molina, K. S. M. (2018). Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar. *Educação e Pesquisa*, 44. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844179339>.

Witchs, P. H. (2021). A situação minoritária dos surdos e sua vulnerabilidade linguística na educação. *Cadernos CEDES*, 41, 144-152. <https://doi.org/10.1590/CC239651>.

Witkoski, S. A., & Baibich-Faria, T. M. (2010). A importância da Língua de Sinais para as pessoas surdas na construção de uma linguagem plena e genuína. *Revista Contrapontos*, 10(3), 338-344.